



A Contação de Histórias como Recurso para Promover o Diálogo sobre Representatividade e Combate ao Racismo com Ensino Fundamental I"

Kênia C. TEÓFILO¹

RESUMO

O presente relato aborda a experiência de um curso de Contação de Histórias como ação de um projeto de formação de estudantes da rede municipal de ensino da cidade de Inconfidentes, Minas Gerais. A ação pedagógica foi desenvolvida em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. O que se propõe, através do curso de contação de histórias é o fomento de novas leituras, sobretudo de um repertório literário afrocentrado, para os alunos matriculados no projeto, a fim de cumprir as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Este relato é uma experiência de umas das sessões do projeto que, conforme a percepção da autora, foi possível tratar da visibilidade da população negra e as representações de raça que circulam nas vivências e percepções das crianças.

Palavras-chave: Representação negra; Visibilidade; Espaço escolar

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática educacional de profunda relevância educacional e sociocultural, pois permite ao contador conectar e explorar diferentes dimensões sociais, raciais e culturais. No ambiente escolar, especialmente, o uso de narrativas através da contação de histórias possibilita a criação de conexões entre o universo dos estudantes e temas complexos, como identidade, diversidade e as relações étnico-raciais, além de estimular e engajar as crianças a pensarem sobre as questões históricas, contemporâneas e suas próprias vivências.

A prática de contar histórias não se resume a uma ferramenta de entretenimento e conforto para crianças e adolescentes, mas pode servir como uma poderosa ferramenta que explora a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura e permite trabalhar o diálogo, a troca de saberes, e conversas sobre diversidade. (Ferreira; Oliveira 2020). Através das histórias, as crianças podem mergulhar em mundos diversos, criando empatia com os personagens e situações, o que amplia sua capacidade de refletir, relacionar e compreender as relações humanas.

Este relato descreve a experiência pedagógica de uma ação de contação de histórias afrocentradas voltada para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental I em Inconfidentes, Minas Gerais. A atividade visou não só proporcionar entretenimento, mas também promover discussões importantes sobre representatividade e autoestima.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos em todos os níveis e modalidades da Educação Básica

¹ Graduanda do curso Licenciatura em História, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes.
E-mail: kenia.teofilo@alunos.ifsuldeminas.edu.br

visam garantir uma educação que reconheça as contribuições da população negra e indígena, combatendo o racismo e promovendo a equidade racial. Mais do que obrigatoriedade, tais diretrizes são uma possibilidade potente de aprendizado para educadores e alunos, bem como para a luta antirracista.

Conforme Nanci Franco e Fernando Ferreira (2017) a família é o primeiro grupo social das crianças. É a partir das vivências com a família que a criança começa a construir aprendizagens; hábitos, costumes, valores, papéis sociais e de gênero, atitudes e, sobretudo, uma personalidade e identidade. Nesse sentido, vale destacar também o trabalho de Nilma Lino Gomes.

[...] como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (GOMES, 2005, p. 43).

Nesse sentido, as experiências vividas em família, assim como na escola influenciam diretamente a formação de uma autoimagem positiva ou negativa da criança sobre si e sobre o *Outro*. Uma das funções da escola é ensinar a lidar com as diferenças e é fundamental que desde os primeiros anos da Educação Básica os docentes desenvolvam práticas que valorizem a história e cultura variadas em seus contextos de diversidade e diferença. Isso inclui colocar questões étnico-raciais, racismo e desigualdades de gênero no centro das reflexões e práticas de ensino.

Como apontam Felipe e Teruya, o ambiente escolar é atravessado por diferentes narrativas sociais, que podem contribuir ou não para a construção da visibilidade das identidades dos indivíduos ou grupos sociais através de representações. Nessa perspectiva, a compreensão de quem somos é moldada pelas narrativas; as histórias de vida dos adultos próximos e narrativas literárias formam identidades, estabelecendo uma conexão entre as narrativas que escutamos, lemos e compartilhamos e que somos/tornamos (Felipe; Teruya 2015). É válido ressaltar que essas narrativas literárias também ampliam o repertório e perspectivas culturais das crianças, estimulando a valorização da diversidade étnico-racial.

Aprender a lidar da melhor forma com as diferenças é uma das funções da escola e deve ser interesse de toda a comunidade escolar, pois a sociedade na qual a escola está inserida é composta por diferentes grupos e identidades. Essas diversas identidades precisam ser apresentadas e trabalhadas na sala de aula, se torne um espaço de inclusão e respeito, promovendo uma formação que valorize a diversidade e combata preconceitos. É no convívio com os adultos/docentes que as crianças podem deixar de reproduzir estereótipos, discriminações e preconceitos de qualquer tipo.

A escolha das leituras desenvolvidas no projeto buscam fomentar a valorização e o reconhecimento das contribuições históricas e culturais dessas populações negras e indígenas, promovendo uma educação antirracista e inclusiva, é guiada pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. A proposta da contação de histórias com temática afrocentrada vai ao encontro das diretrizes supracitadas, permitindo que os alunos reflitam sobre questões raciais em um ambiente seguro e acolhedor.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A atividade foi realizada em uma turma de 5º ano do período integral na Escola Municipal Centro Educacional Américo Bonamichi, por meio da Contação de Histórias, utilizando a literatura infanto-juvenil: *Sulwe* (Lupita Nyong'o, 2019). A escolha da obra foi motivada pela necessidade de levantar um diálogo sobre preconceito e discriminação de pessoas negras no Brasil.

A metodologia adotada combinou a leitura de trechos da literatura infanto-juvenil sobre representatividade negra: *Sulwe* e conversas, nas quais foram lançadas perguntas através das quais o contador pôde perceber o nível de compreensão dos alunos sobre o tema da história, bem como para estimular a reflexão e debate entre as crianças. Durante a leitura foram dispostas imagens de bonecos de diferentes etnias (idênticos em características, variando apenas em tom de pele e estilo de cabelo) para incentivar a discussão sobre como os padrões estéticos podem influenciar as percepções de raça. O objetivo era estimular a partilha, por parte das crianças, sobre suas impressões e como percebem as questões raciais ao seu redor.

4. RELATO DA EXPERIÊNCIA

Ao longo da sessão as crianças participaram ativamente, relatando suas próprias percepções sobre o preconceito e a discriminação. Alguns chegaram a se deslocar para as carteiras à frente para melhor participarem da conversa. Durante a contação, as crianças rapidamente captaram temas como bullying e racismo; o que demonstra envolvimento com o enredo e os temas trazidos pela história. As perguntas direcionadas como “Por que vocês acham que *Sulwe* queria ter uma pele mais clara?” e “Qual é a mensagem principal da história?” estimularam reflexões sobre aceitação pessoal, preconceito e racismo.

Muitos alunos perceberam que a indústria de brinquedos favorece padrões de beleza brancos. Sobre as imagens dispostas na lousa, eles mencionaram como bonecos de pele escura são frequentemente rotulados como “menos bonitos” e refletiram sobre como muitos são mais baratos e “má qualidade” quando comparados com os demais produtos. As falas revelaram que, apesar da pouca idade e repertório, os alunos estão atentos às diferenças raciais e percebem, mesmo sem compreensão clara, alguns desdobramentos do preconceito e do racismo.

Não é de surpreender mencionar que algumas crianças brancas relataram terem sido chamadas de “macaca branca” em razão desta ou aquela característica física ou de haver acusações de colegas terem chamado outras crianças de “macaco”, o que indica que as experiências de discriminação, ainda que diferentes, impactam a todos no ambiente escolar. No entanto, essas falas também reforçam que é complexo e profundo o tema do racismo: mesmo que qualquer pessoa possa vivenciar xingamentos e ofensas, as experiências das crianças negras têm raízes em estigmas e padrões históricos específicos, que marcam e marginalizam grupos inteiros. Pensando nas falas, é de grande importância ampliar a discussão para uma melhor compreensão, por parte das crianças, sobre o impacto das palavras e de como o preconceito tem origens e consequências distintas para cada grupo racial.

4. CONCLUSÃO

A contação da história *Sulwe* demonstrou que as crianças, mesmo tão pequenas e com pouco repertório diante desse tipo de tema, conseguem captar e refletir sobre questões complexas como a representatividade, racismo, preconceito e traçando outras conexões. As discussões levantadas foram além da personagem da história, mostrando que o enredo de *Sulwe* serviu como um ponto de partida para que os alunos expressassem suas próprias vivências e percepções raciais.

A participação ativa e as perguntas levantadas demonstraram certa sensibilidade em relação às diferenças raciais percebidas na sociedade, e até como a indústria de brinquedos pode reforçar estereótipos negativos sobre pessoas negras. O fato de as crianças se mostrarem atentas à essas questões reforça a importância de inserir, desde cedo, atividades pedagógicas que promovam esse tipo de reflexão, criando um espaço seguro para que elas possam questionar, pensar e entender o mundo à sua volta, bem como compartilhar suas vivências, o que é muito rico para a experiência escolar em geral e em especial para a Contação de História.

Além disso, o recurso da Contação de Histórias reforça a importância de se desenvolverem iniciativas educativas que promovam a inclusão e a diversidade racial, atendendo as diretrizes das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. A experiência relatada reforça a necessidade de criar espaços onde as crianças possam expressar e compreender as relações humanas, sobretudo sobre as relações raciais, sobre racismo, identidades, representações e outros temas que envolvem a temática etnico-racial, contribuindo para a luta antirracista no Brasil.

5. REFERÊNCIAS

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa. PROCESSO IDENTITÁRIO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E AS NARRATIVAS SOBRE A NEGRITUDE BRASILEIRA. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/4736>. Acesso em: 10 set. 2024.

FERREIRA, Laís Costa; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. A contação de histórias como prática educativa. A Cor Das Letras, maio de 2020. 21(2), 66–75. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/cl.v21i2.5803>. Acesso em: 9 set.2024

FRANCO, Nanci Helena Rebouças; FERREIRA, Ilidio da Silva Ferreira. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 19, n. 36, p. 252-271, dez. 2017

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005. p. 39-62.

NYONG'O. Lupita. Sulwe. Tradução de Vashti Harrison. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2019. Disponível em: SULWE - Lupita Nyong'o | PDF (scribd.com) Acesso em: 9 set. 2024